

Cena 8

PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
INSTITUTO DE ARTES | DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Conexões

UM DELEUZE A MENOS

Resenha do livro *Sobre o Teatro*, de Gilles Deleuze.

Silvia Balestreri Nunes¹

¹ Professora do Departamento de Arte Dramática e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

O livro em questão traz a público, pela primeira vez, traduções brasileiras de dois ensaios do filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) que dizem respeito diretamente, embora não somente, ao mundo do teatro: *Um Manifesto de Menos* e *O Esgotado*, publicados originalmente acompanhados de textos dos respectivos autores-criadores de que tratam. O primeiro foi publicado pela primeira vez em 1978, na Itália, junto ao texto *Ricardo III*, do pluriartista italiano Carmelo Bene (1937-2002), obra conjunta que recebeu o sugestivo nome de *Superposições (Sovrapposizioni)*; no ano seguinte, lançou-se, nos mesmos moldes, a edição francesa (*Superpositions*). O segundo ensaio foi publicado originalmente na França, em 1992, como posfácio a peças televisivas de Samuel Beckett (1906-1989) e foi o último longo texto escrito por Deleuze. Destaca-se também a Introdução que Roberto Machado assina no volume, trazendo um pouco de seu olhar para essa porção da obra filosófica de que é frequentador de longa data – como estudioso, aluno de Deleuze, tradutor de algumas de suas obras e professor de Filosofia dos mais requisitados.

No primeiro ensaio do livro, Deleuze chama a atenção para a operação a que Carmelo Bene submete os autores clássicos: “uma verdadeira cirurgia”. Shakespeare, por exemplo. Deleuze havia assistido ao *Romeu e Julieta* de Bene no Festival de Outono em Paris, em 1977, quando se conheceram e iniciaram amizade. Recebeu dele o texto do Ricardo III, inspirado no qual redigiu *Um Manifesto a Menos* – a escolha da preposição é uma ressalva que tenho à presente tradução. Muitas das citações de Bene foram retiradas do livro *Carmelo Bene*, publicada por José Guinot em *Dramaturgie*, quando dessa primeira apresentação de Bene em Paris. As frases entre aspas são transcrições de frases de Bene nesta publicação. O filósofo diz que o italiano transforma os autores maiores em menores – podemos dizer que lhes devolve, assim, a capacidade de fabricar mundos. No caso de Shakespeare, ele retira os elementos de Poder, “para fazer aparecerem as virtualidades”. Não monta “um Hamlet a mais”, mas o chama “Um Hamlet a Menos” (*Un Amleto di Meno*), daí a inspiração para o título que Deleuze dá a seu texto. Com Carmelo Bene – pois é seu modo de construir seu pensamento, por alianças – Deleuze tece concepções acerca do teatro e sua crítica, o teatro e suas minorias, o teatro e sua língua, o teatro e seus gestos, o teatro e sua política. Chama a atenção

para o modo como Carmelo Bene se apropria de Shakespeare e de outros autores importantes: por subtração, por minoração. Tornar um autor menor é apropriar-se dele sem submissão, fazê-lo entrar em conexão com as linhas de força do agora, deixá-lo vivo e vívido novamente. Carmelo Bene chama isso de crítica amorosa a Shakespeare e Deleuze sublinha que se trata de uma crítica na cena. Destaca também o procedimento de Bene de colocar tudo em variação contínua: palavras, gestos, figurino, cenário. Com Bene, Deleuze sugere que o teatro possa produzir uma outra consciência, diferente do teatro de conflitos, que só representa o que já está normalizado, codificado; devires-minoritários da consciência, uma pura variação.

O outro ensaio publicado em *Sobre o Teatro* é um dos últimos textos de Deleuze: *O Esgotado*. A aliança que o autor faz, neste caso, é com Samuel Beckett, especialmente com suas peças televisivas. Como no ensaio a partir de Bene, Deleuze também entremeia neste seu texto frases dos textos de Beckett, faz suas as palavras dele, para tecer alguns conceitos em sua filosofia. Pode-se dizer que o tema principal é o esgotamento do possível. Aqui se vê bem a árdua tarefa que é frequentar com alguma desenvoltura, sem banalizá-lo, o que há de novo no pensamento de Deleuze. O esgotado não é o cansado, e o filósofo vai se dedicar a essa e outras distinções. O possível não é o virtual – outro conceito fundamental em sua filosofia. Tal distinção já ocupou Deleuze em uma de suas mais importantes obras (DELEUZE, 1988, p. 339). O virtual tem realidade própria, nasce da multiplicidade dos encontros. Muito simplificadamente, pode-se dizer que o esgotamento do possível é a exaustão de toda história, das finalidades e objetivos, daí as combinatórias “para nada” e a riqueza que nos trazem as personagens de Beckett. Deleuze aponta três línguas em Beckett, às quais correspondem diferentes maneiras de esgotar o possível: a língua I é predominantemente a dos romances e seu procedimento é a formação de séries exaustivas de coisas; a língua II tem por procedimento estancar os fluxos de voz; por fim, a língua III procede extenuando as potencialidades do espaço e por dissipação da potência da imagem. Deleuze trabalha caso a caso, convocando obras e personagens de Beckett, e assim procedendo nos faz amá-los, ou amá-los mais, não são fastidiosos nem

derrotados como fazem supor algumas encenações, são sim deliciosamente sem objetivos, esgotados e esgotantes.

Se, por um lado, podemos lamentar a não publicação dos textos de Bene e de Beckett, como nas edições originais, por outro, louvamos a iniciativa do professor Roberto Machado, diretor da coleção Estéticas da Editora Zahar, por ter permitido ao leitor brasileiro o acesso a esses e a outros ensaios de Deleuze. Outro mérito é nos aproximar da obra-pensamento de um artista considerado deus em seu país e praticamente desconhecido dos brasileiros, no caso de Bene, e de obras de Beckett menos corriqueiras entre nós.

O menor não é o pequeno e o esgotado não é o cansado. As palavras são enganadoras e precisam ser esburacadas – o que faz Beckett – ou submetidas a uma linha de variação contínua – como em Carmelo Bene. Aos mesmos procedimentos somos submetidos pelos escritos de Deleuze, solo ou em duo com Guattari. Alguns conceitos seus sofreram certa banalização nos últimos anos, em que pese a impossibilidade de domesticar seu pensamento, quando se leva em conta a trama conceitual dos seus vários livros – os mais acessíveis e os de mais árdua leitura. Fica o convite, sempre renovável, para nos aproximarmos de seus escritos, a cada vez, como a um Deleuze a menos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENE, Carmelo et al. **Carmelo Bene**. Paris: Dramaturgie; José Guinot, 1977.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado/ Gilles Deleuze**. Trad. Fátima Saadi, Ovídio Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 112 p.